

O ENSINO DA ESCRITA NO JARDIM DA INFÂNCIA

Muito se tem discutido o problema da escrita no Jardim da Infância.

Como em todos os outros pontos, neste também as opiniões se dividem. Uns acham que a criança, ao sair do jardim, já deve dominar o mecanismo da escrita e estar absolutamente apta para fazer todo e qualquer tipo de *cópia* que se lhe exija nos seus primeiros dias de aula no 1º ano.

Outros, ao contrário, preferem que as crianças de Jardim adquiram o contróle muscular e se preparem para a futura aprendizagem da escrita, através dos variados exercícios de recorte, colagem, pintura, desenho, modelagem, construção, exercícios rítmicos, exercícios combinados de música e desenho ou pintura etc.

Considerando o aspecto sumamente importante do desenvolvimento físico da criança, a sucessão rigorosa das fases de seu crescimento muscular, do endurecimento gradativo das cartilagens e de seu amadurecimento geral, é claro que não se pode ensinar a escrita no Jardim da Infância de maneira sistemática e rígida. De modo algum a criança de 5 e 6 anos está

preparada para aquêles exercícios formais que exigem um grande esforço motor e uma enorme concentração dos órgãos da visão.

Ao fim do sexto ano de idade é que, geralmente, se completa a maturidade necessária à aprendizagem dos movimentos certos e minuciosos que ocorrem no ato da escrita.

Além do mais, a criança, nesta fase, está em pleno vôo de reconhecimento através do mundo que a cerca e tudo quanto deseja é expandir-se, descobrir, saciar a sua grande curiosidade. Seus gestos, suas atitudes habituais, tôdas as exigências de seu corpo, em crise de crescimento, impelem-na aos movimentos largos e desconexos. Por mais desenvolvida que ela esteja, do ponto de vista mental, emocional ou social, ainda carece de treino, preparo e crescimento físico para enfrentar os movimentos difíceis da escrita.

Quem presenciou o drama de pequeninos imaturos que choram, se desesperam e tentam fugir a todo custo das páginas a serem escritas, enquanto, ao contrário, são capazes de ficar horas seguidas absolutamente interessados num trabalho de modelagem ou de pintura com os dedos, tem, forçosamente, de concluir que tais crianças não estão ainda no ponto de aprender a escrever.

Necessitam treino especial, exercícios apropriados, antes de começar a cópia sistemática de lições e deveres.

Algumas professoras de Jardim alegam que precisam treinar os seus alunos em escrita porque no primeiro ano, e até mesmo nos primeiros dias de aula, as crianças são obrigadas a fazer os célebres exercícios para casa, com recomendações tais como:

Escrever:

- 0 nome (5 vêzes)
- 0 nome da professôra (3 vêzes)
- 0 nome da escola (3 vêzes).

ou então,

escrever 3 vêzes, de cor, a 1a. lição.

ainda,

Escrever, de cor, as três primeiras lições.

Escrever o nome da escola e o da professôra (5 vêzes).

Datar e assinar.

Ora, em vista disto, as nossas professoras ficam totalmente alarmadas e disparam a ensinar escrita no Jardim da Infância de maneira exaustiva e inconstante.

No entanto, é preciso não esquecer que a simples transição do Jardim para o primeiro ano, com a mudança de horários, professôra e regime de trabalho, já representa um número enorme de novas aprendizagens a que as crianças precisam se adaptar, vagarosa e metódicamente. Sendo assim, não é de todo aconselhável a adição da grande sobrecarga dos *deveres para casa* e das escritas quilométricas.

Não é possível sobrecarregar também a criança do Jardim, com a intenção de *prepará-la melhor* para o primeiro ano. Ao contrário, a melhor preparação para a escola primária é um programa leve, flexível, ativo, alegre, variado, de cujas atividades as crianças gozem o máximo prazer e se entreguem a elas com real interesse.

Só a longa prática leva as professoras a se convencerem de que as atividades manuais (pintura, desenho, recorte, colagem, construções, modelagem etc.), os exercícios físicos, os exercícios específicos de discriminação visual, de observação e de atenção preparam muito melhor as crianças para os futuros exercícios formais de escrita do que as longas e desinteressantes cópias automáticas e inexpressivas. Aceito e pôsto em prática êste preceito psicopedagógico tão simples, serão poupados muitos esforços e muita energia da parte das crianças. O Jardim

continuará sendo aquêle lugar maravilhoso onde as crianças vão para viver, crescer e ser felizes.

Em vista disto, convém estabelecer aqui o *máximo* de escrita que se pode ensinar no Jardim da Infância.

Aos 5 anos a criança escreverá:

- O seu nome,
- Uma ou outra etiquêta para seus trabalhos.

Aos 6 anos poderá chegar um pouco mais longe, escrevendo:

- O seu nome completo,
- O nome da professôra,
- Etiquêta e pequenas frases (de duas ou três palavras) para serem empregadas nos diversos objetos da sala, ou no quadro de novidades,
- O nome da escola onde estuda,
- Algumas frases curtas, que completam planos de trabalho.

Qualquer coisa além disto poderá ser feita espontaneamente por aquelas crianças que já estejam em nível de maturidade superior ao comum da classe.

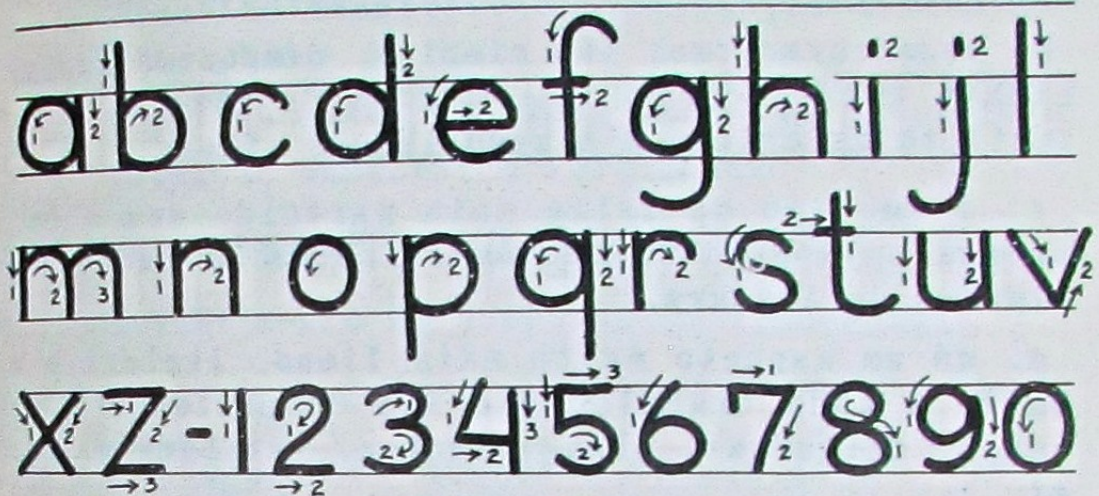
Nunca deve haver um *horário especial* de escrita, mas, ao contrário, esta se fará sempre de maneira *incidental* e no decorrer das demais atividades.

Outro ponto importante, e que em provocado uma série de controvérsias no Jardim, é o que se refere ao tipo de letra a ser usado.

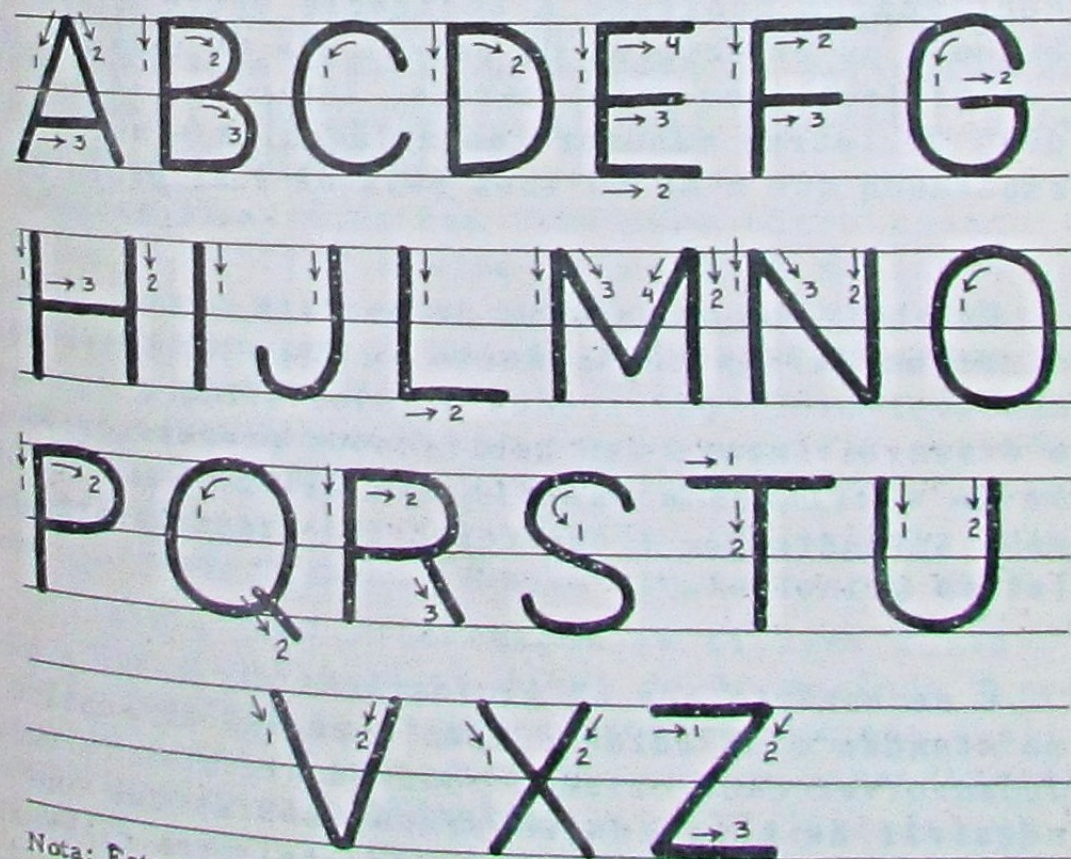
Há os adeptos da escrita cursiva e os da manuscrita. A cursiva é o tipo de letra a ser usado pela criança na escola primária, e, embora requeira um esforço viso-motor enorme, é exigido desde os primeiros dias de aula.

Recomendamos, porém, com a máxima insistência, às nossas professôras, que usem a manuscrita no Jardim da Infância pelos seguintes motivos:

Como traçar letras minúsculas



Como traçar letras maiúsculas



Nota: Este modelo é distribuído pelo Departamento de Língua Pátria do "Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE) - Instituto de Educação - Belo Horizonte - Minas Gerais.

a. exige menos coordenação muscular e menos esforço visual das crianças que, na idade de 5 a 6 anos, não têm ainda a visão completamente desenvolvida;

b. seus caracteres são simples, compostos apenas de linhas retas, círculos e partes de círculos, o que facilita às crianças a memorização dêles;

c. é um tipo de letra mais parecido com o da imprensa e já predispondo as crianças às futuras atividades de leitura;

d. dá um aspecto muito mais limpo, legível e elegante a todo trabalho escrito da professora (cartazes, etiquetas, planejamentos, relatórios, cartas etc.).

Esperamos que as nossas professoras de Jardim da Infância passem a adotar a letra manuscrita a fim de continuarem mantendo a coerência entre o seu trabalho e os princípios da psicologia da criança. Para melhor facilitar a sua tarefa, incluímos aqui um modelo de letras manuscritas maiúsculas e minúsculas, esperando que o mesmo lhes seja de real proveito.

Estabelecidos o máximo de escrita que se pode ensinar no Jardim da Infância, o tipo da letra recomendável etc., passaremos a falar sobre a aquisição e desenvolvimento das habilidades preparatórias que levam a criança a assumir uma atitude favorável a essa aprendizagem e que devem constituir o nosso objetivo principal.

É necessário que as professoras dispendam a máxima atenção e um cuidado todo especial no sentido de desenvolver cada criança individualmente, fazendo-a adquirir as habilidades preparatórias que lhe são necessárias para essa futura aprendizagem da escrita.

Dentre tais habilidades podemos destacar:

I. Desenvolvimento da acuidade visual e da habilidade de reproduzir imagens, tornando a criança:

a. capaz de identificar semelhanças e diferenças

b. capaz de notar detalhes internos e externos

c. capaz de comparar e relacionar

II. Desenvolvimento da coordenação motora

III. Desenvolvimento da coordenação viso-motora.

I. DESENVOLVIMENTO DA ACUIDADE VISUAL E DA HABILIDADE DE REPRODUZIR IMAGENS

Para desenvolver na criança a acuidade visual e a habilidade de reproduzir imagens, é necessário que a professora siga etapas sucessivas de dificuldades que podem ir: do concreto ao semi-concreto, para chegar ao semi-abstrato.

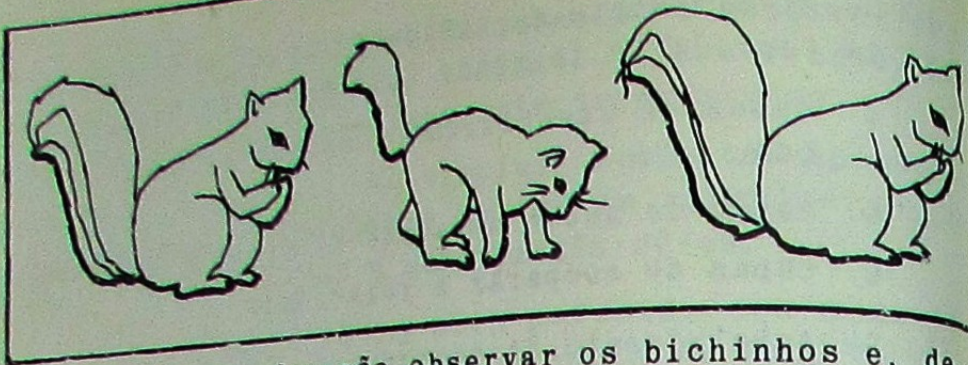
Somente passará de uma fase para outra quando a criança já estiver bastante treinada na etapa anterior. Assim sendo, os exercícios iniciais deverão ser feitos com pessoas, objetos, material de classe, bichinhos de matéria plástica, pano, borracha ou outro material, ao que se seguirão atividades no flanelógrafo ou quadro de pregas, com cartazes, gravuras e figuras recortadas (de animais, flores, estrêlas, figuras humanas etc.).

Somente quando as crianças já tiverem dominado essas duas fases e já no final do 3º período é que poderão compreender os exercícios em que são utilizadas palavras, expressões ou frases para fazerem identificações e comparações.

Nesses exercícios, as crianças deverão:

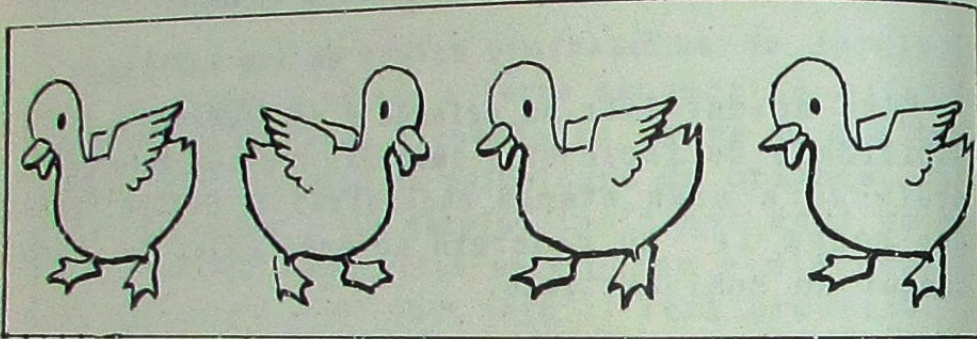
a. Identificar figuras iguais, num grupo;

Exemplo:



As crianças deverão observar os bichinhos e, depois, uma indicará os que são iguais.

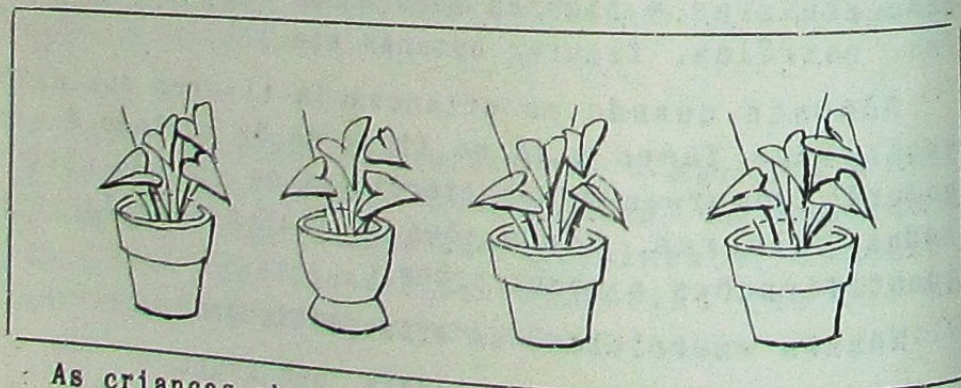
b. Identificar uma figura diferente, entre várias figuras iguais. Essa diferença poderá ser:
de posição:



Êstes patinhos iam para o lago nadar. Um dêles voltou do caminho, para pegar uma minhoca.

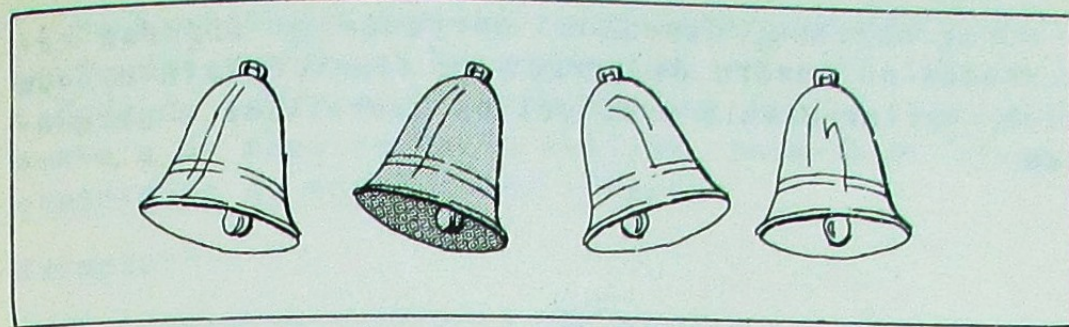
Pedir que as crianças observem e mostrem qual é êsse patinho.

de forma:



As crianças observarão os vasilhos. Depois deverão identificar o vasinho que é diferente dos outros.

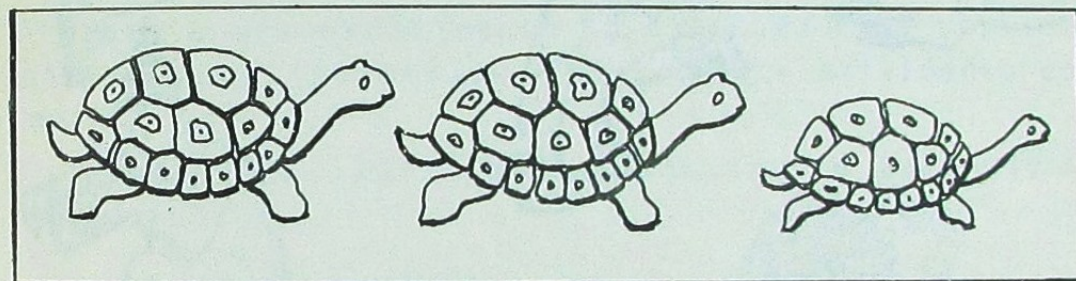
de côr:



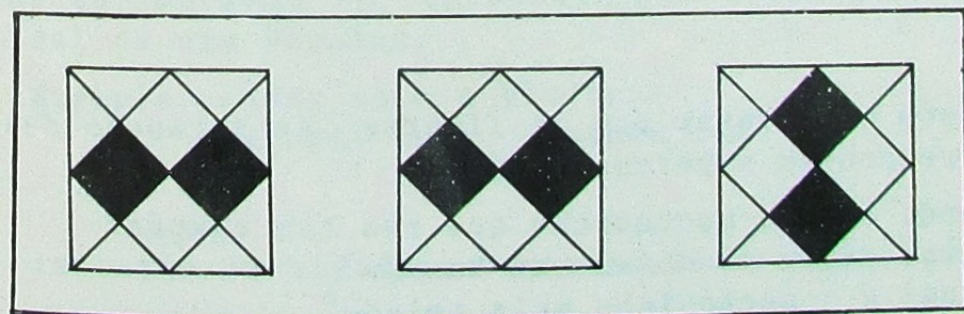
As crianças poderão identificar:

os sinos iguais;
o sino que é de côr diferente.

de tamanho:



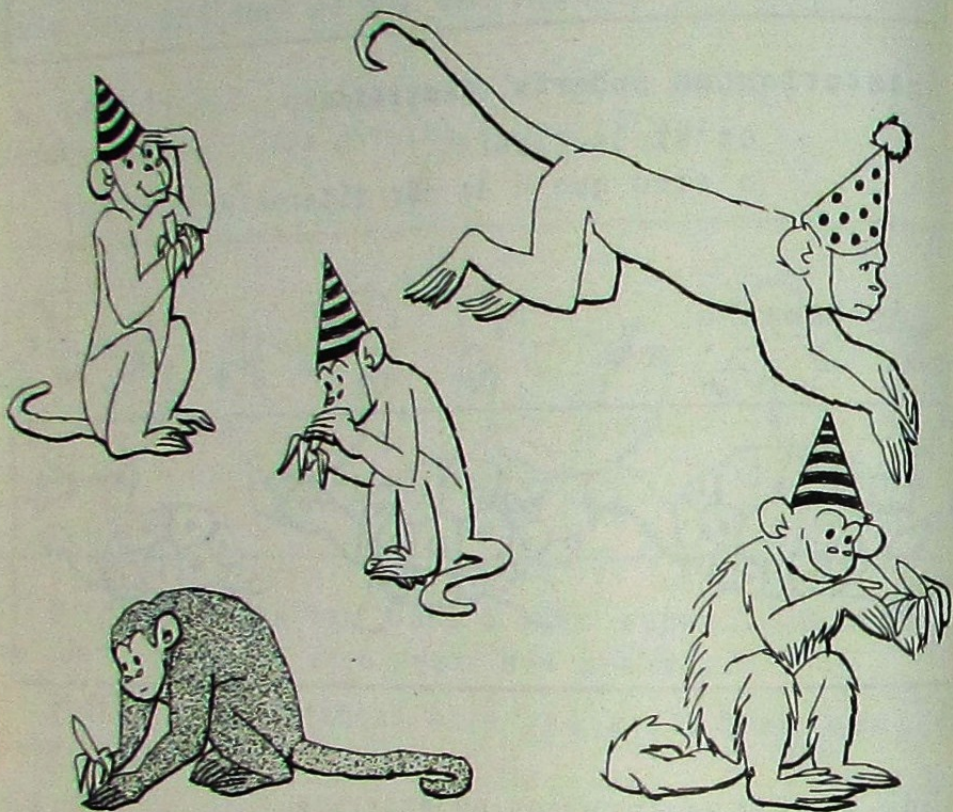
de detalhes internos ou externos:



As crianças deverão identificar a figura diferente.

c. Comparar:

Usar objetos, desenhos, cartazes ou figuras recortadas no quadro de pregas ou flanelógrafo e, com eles, variar o mais possível os exercícios e perguntas.



Após observarem bem as figuras, as crianças deverão responder a perguntas como:

Onde está o macaquinho que não tem chapéu?

Qual dêles já comeu sua banana?

Qual é o macaquinho mais peludo?

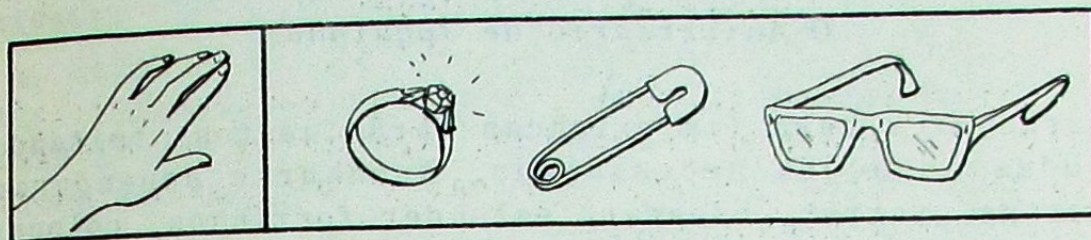
O que está fazendo o macaquinho de chapéu diferente?

Qual o macaquinho maior? O menor? O de cor diferente?

d. Relacionar:

Os exercícios que envolvem interpretação e ordenação de gravuras, agrupamentos, reconhecimento do todo e da parte etc., poderão ser dados, frequentemente, e de maneira muito variada, para desenvolver a capacidade de estabelecer relações.

Exemplo:



As crianças deverão reconhecer o objeto que tem relação com o que está no quadrinho, ao lado.

Para o desenvolvimento da capacidade de reproduzir imagens, sugerimos inicialmente atividades como:

Pantomimas, exercícios imitativos e imitação de histórias.

Exercícios imitativos

No Jardim da Infância devem começar dos mais simples e fáceis como: imitação de um único tipo de movimento, no qual se representa uma outra pessoa, um animal ou uma máquina.

Exemplo: Andar como o elefante
Galopar como o cavalo etc.

Imitação de histórias ou representações

São atividades mais desenvolvidas que as anteriores. Consistem, geralmente, de gestos, organizados em seqüência pela professora com o auxílio dos alunos.

Para que as crianças imitem uma história, ou uma representação, é necessário que estas sejam de sua experiência.

É necessário que haja um preparo antes, ou melhor, um planejamento, e que as crianças se dividam em turmas, conforme o que fôr imitado.

Exemplo:

O Aniversário de Juquinha:

Arranjar a casa (as crianças farão gestos, imitando tôdas as ações necessárias. Apanhar e dependurar coisas, varrer, espanar, estender forrinhos, colocar flôres em vazinhos etc.).

Preparar os salgadinhos e doces (retirar latas, abrí-las, tirar farinhas, quebrar ovos, amassar, enrolar, ligar o fôrno, colocar nêle as latas, fritar os salgadinhos, confeitare os docinhos, cobrir o bôlo, colocar a velinha etc.).

Arranjar a mesa (colocar o bôlo, os doces, os salgados etc.).

Preparar-se para a recepção (pentear-se, vestir-se, calçar-se etc.).

Receber os convidados (abrir a porta, receber os cumprimentos, convidar as visitas a assentarem-se, conversar com elas etc.).

Apagar a vela (reunir-se em tórno da mesa, acender a vela, apagá-la, bater palmas, cantar).

Servir a mesa (apanhar as bandejas, abrir as garrafas, encher as taças, oferecer as bebidas, apanhar os pratinhos, partir o bôlo, servir os salgados, os doces etc.).

Despedida (agradecer às visitas, levá-las até à porta, despedir-se delas etc.).

II. COORDENAÇÃO MOTORA

Sugerimos os seguintes tipos de atividade:

1. Exercícios físicos ao ar livre:

É de grande importância que sejam desenvolvidos, primeiramente, os grandes músculos, através de atividades físicas, ao ar livre, como:

a. andar, correr, saltar, jogar bola, boliche, pular, levantar e transportar, deitar, acompanhar linhas traçadas no chão, equilibrar (andar sôbre um banco ou uma trave), escorregar, lançar, trepar, marchar etc.

b. brincar com velocípedes, carrinhos, patinetes, gangorra, escorregador etc.

c. recreações, ginástica historiada.

2. Trabalho de arte:

No Jardim da Infância essas atividades devem desenvolver os pequenos músculos, de modo espontâneo e natural.

Serão usados para isso:

a. *Desenhos:* no quadro
em fôlhas de papel jornal
a crayon
com lápis cêra
com lápis de côr
com barbante molhado a tinta

b. *Pintura:* a pincel
a dedo

c. *Recorte:*
de revistas e jornais
de retalhos

d. Colagem: com papéis de bombons, forminhas de papel, confetes etc;
com pedaços de fazenda, fios de lã, cordas, botões etc.
com frutinhas secas, folhas, cascas de árvores, conchinhas
com aparador de lápis

e. Modelagem: com plasticilina
com argila

f. Trabalhos com madeira e carpintaria: serrar
bater
pregar

3. Construções:

a. Com blocos, com areia etc.
construções com painéis, frisas e murais.

Sugestões

Construção de uma casa, de uma ponte, de uma igreja;

construção de uma lojinha

construção de um jardim zoológico

construção de uma fazenda

construção de um circo etc.

4. Outras atividades, como:

Arranjo da sala de aula, cultivo da horta e jardim etc.

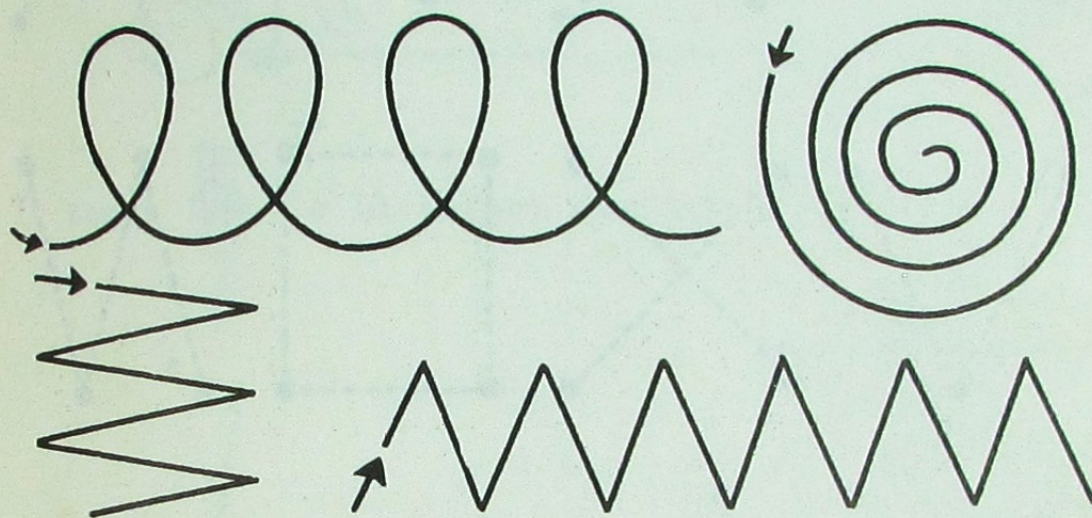
III. COORDENAÇÃO VISO-MOTORA

É indispensável salientar a importância do bom manejo do lápis e sua utilidade na vida prática. No Jardim da Infância a criança irá aos poucos, e de maneira orientada, aprender esse manejo que lhe permitirá adquirir o treino necessário à aprendizagem da escrita.

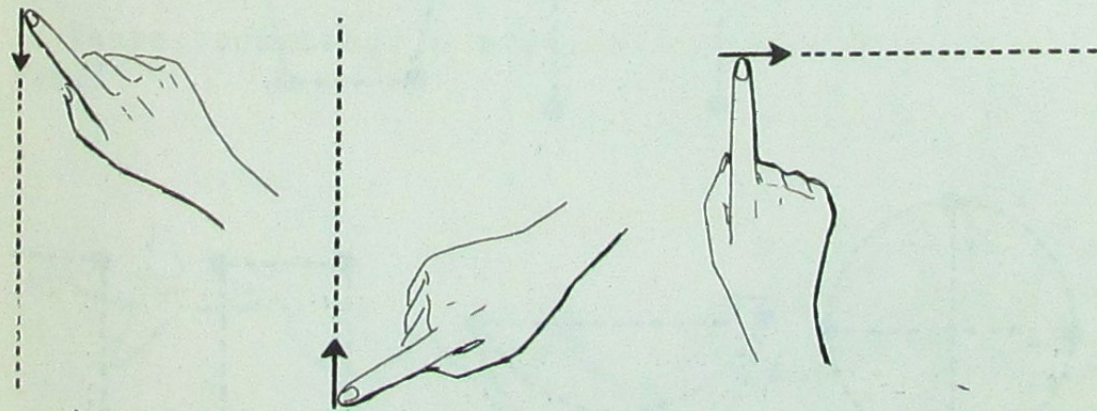
Há vários tipos de exercícios que permitem à criança o desenvolvimento harmônico da coordenação de seus movimentos, associados a uma determinada acuidade visual; por meio deles a criança adquire, com prazer e sem se fatigar, a habilidade manual necessária.

Daremos aqui alguns tipos desses exercícios:

a. Imitar exercícios executados no espaço pela professora:

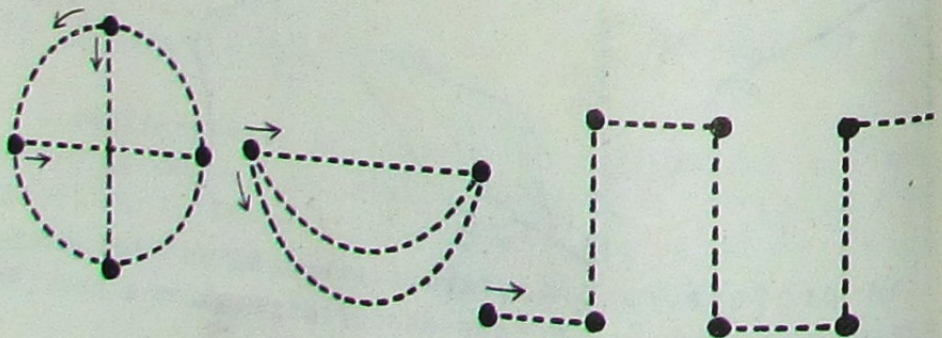
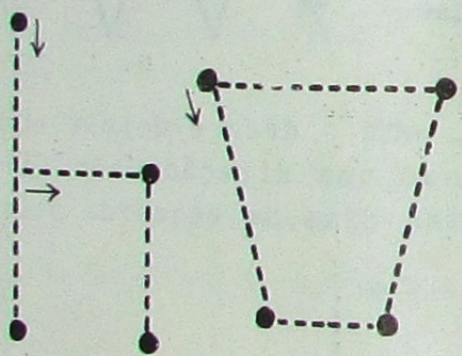
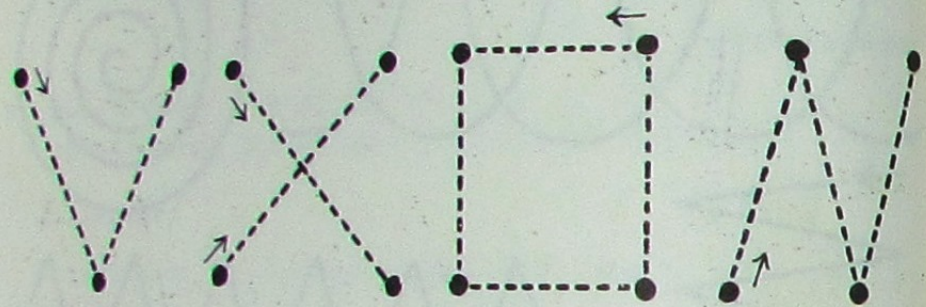
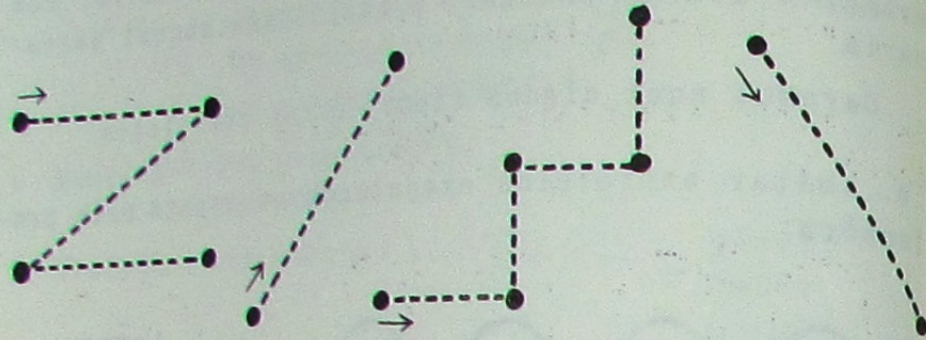


b. Traçar, com o dedo e depois com o lápis, uma linha, seguindo uma direção dada (de cima para baixo, de baixo para cima, da esquerda para a direita etc.)



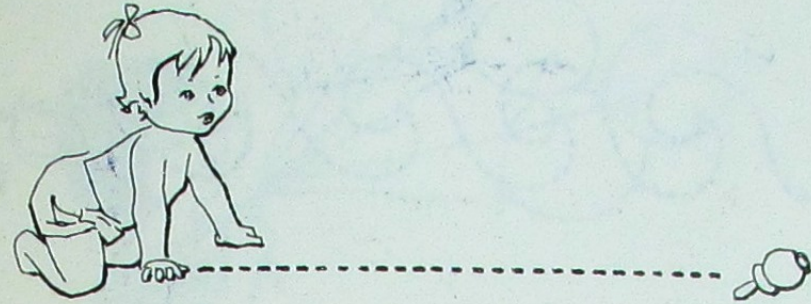
A professora orientará a execução de cada movimento, chamando a atenção das crianças para a posição do dedo, mão e direção do movimento.

c. Ligar pontinhas, cobrindo linhas ponteadas, com a orientação da professora:

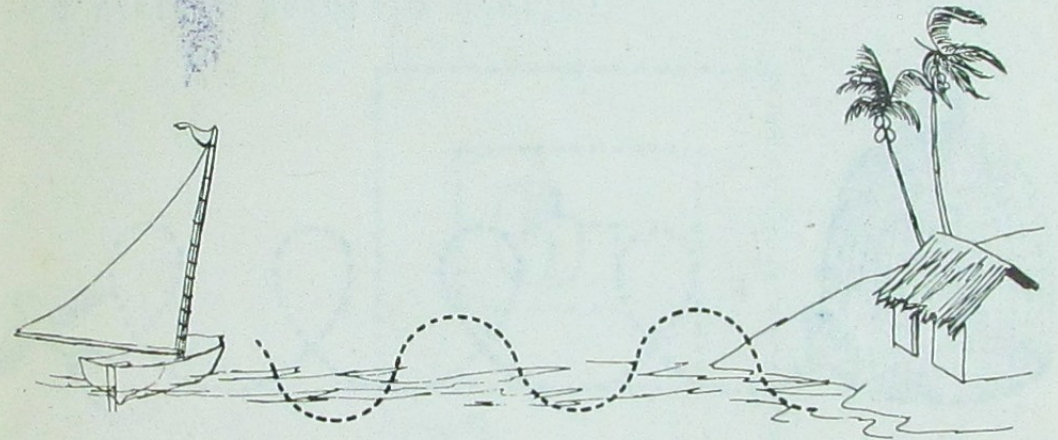


d. Cobrir linhas ponteadas, com explicações sôbre o trajeto a seguir. Uma pergunta poderá tornar mais interessante o trabalho, como, por exemplo:

Quem quer ajudar o bebê a apanhar a chupeta?



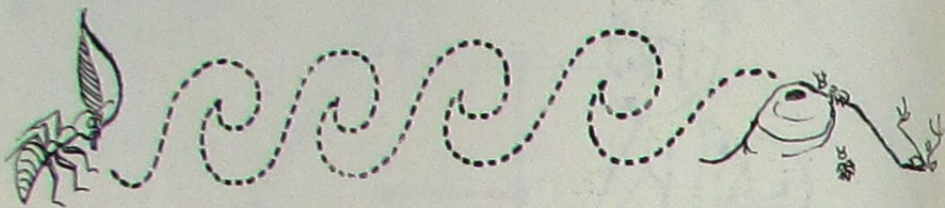
Vamos levar o barquinho para perto da praia?



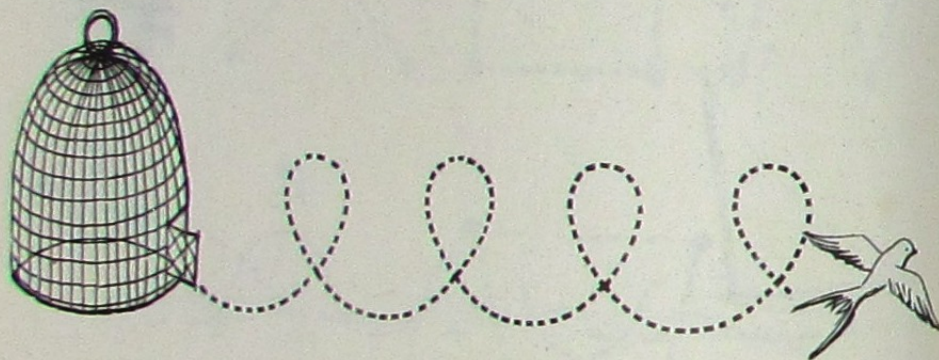
Vamos acompanhar o avião até encobrir-se nas nuvens?



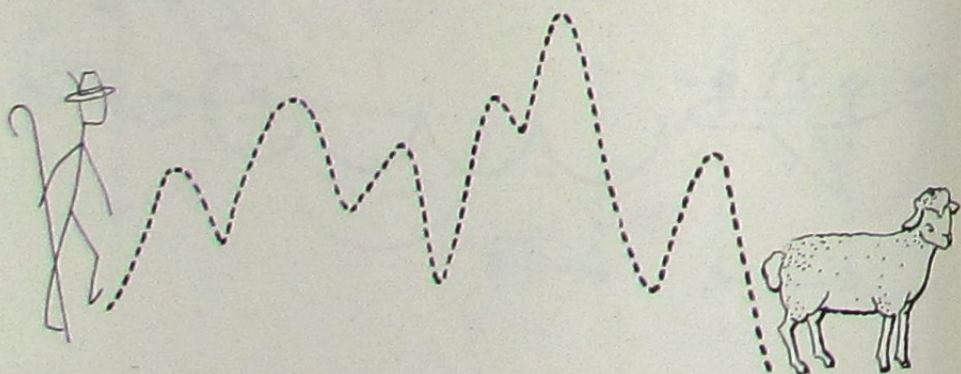
A formiguinha poderá chegar à sua casa? Vamos levá-la.



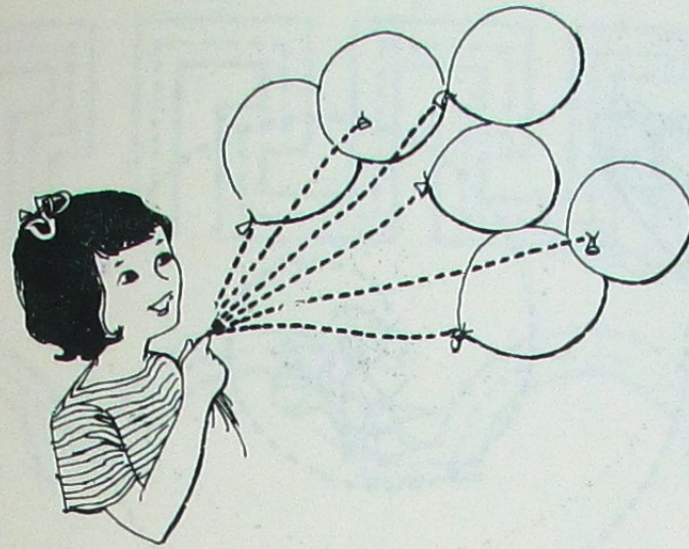
O passarinho fugiu da gaiola. Vamos acompanhá-lo, cobrindo o caminho que ele seguiu.



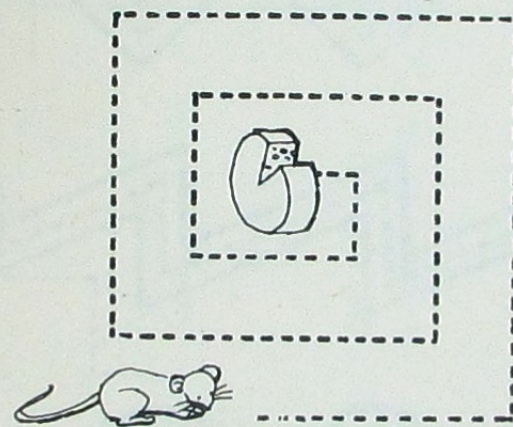
Vamos ajudar o pastor a subir as montanhas para encontrar sua ovelhinha?



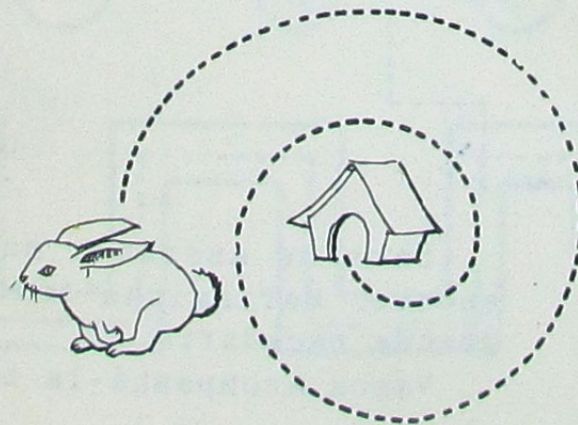
Vamos cobrir com lápis de cor as linhas que estão prendendo os balões?



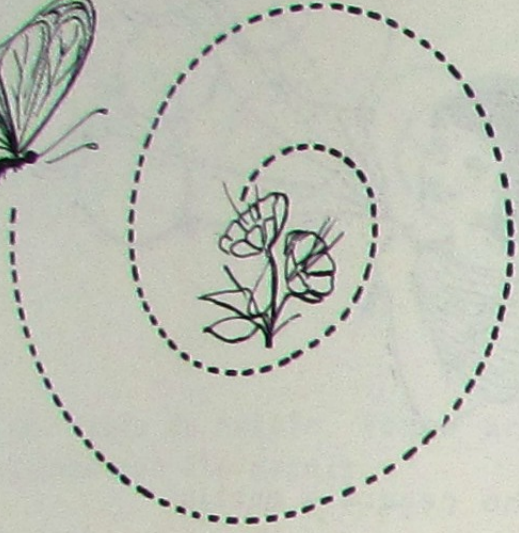
O ratinho pegará o queijo?



Cubram o caminho que o coelhinho seguiu ao sair da toca.

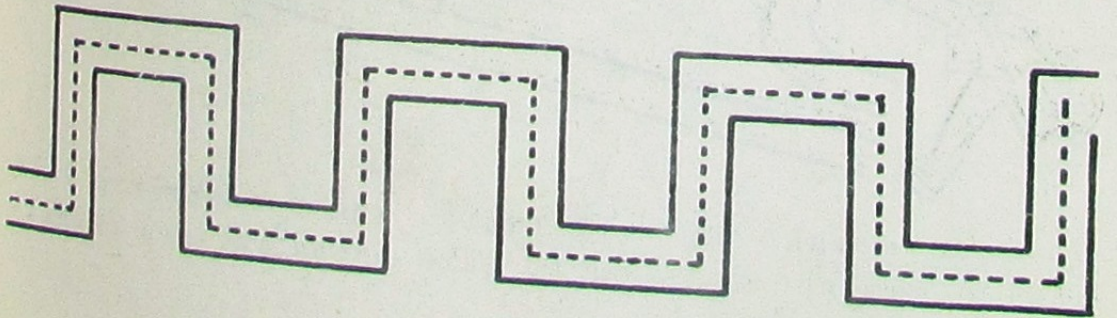
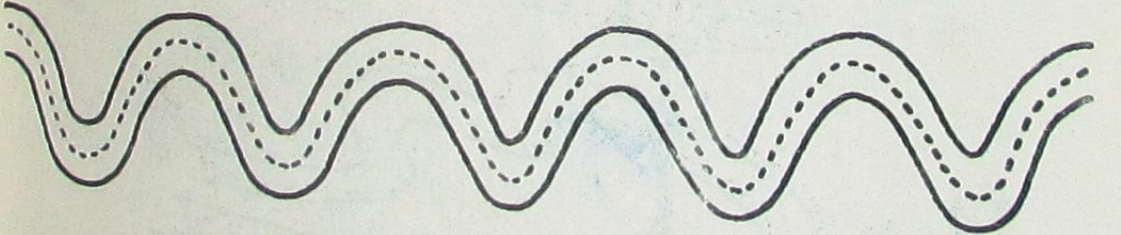
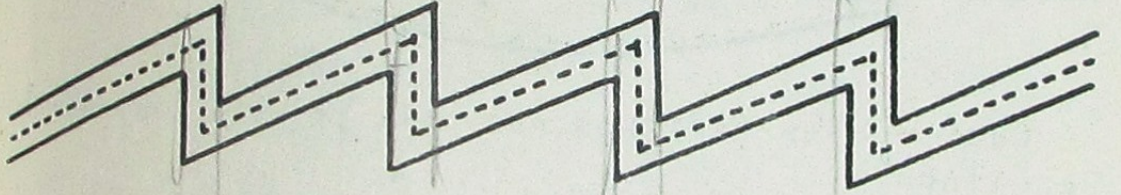
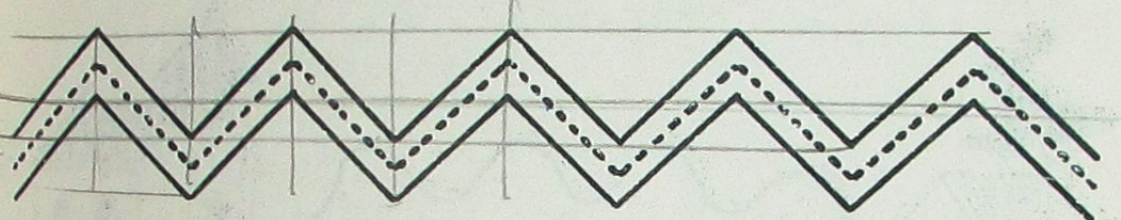
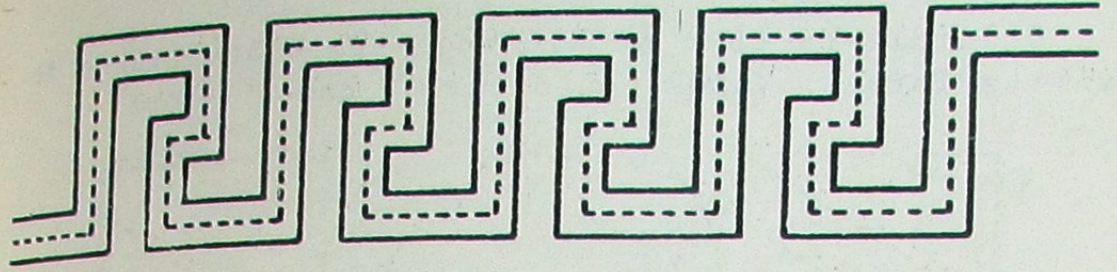


Vamos seguir a borboleta, em seu vôo para ir chu-
par o mel da flor?



Para se assentar naquela cadeira
enorme, Mariazinha teve de subir uma
grande escadaria.
Vamos acompanhá-la em seu caminho?

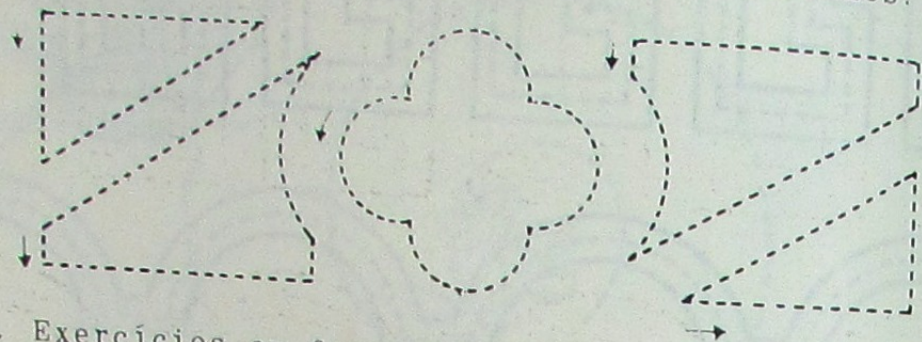
c. Cobrir linhas ponteadas, seguindo a direção de
linhas já traçadas, sem retirar o lápis do papel.



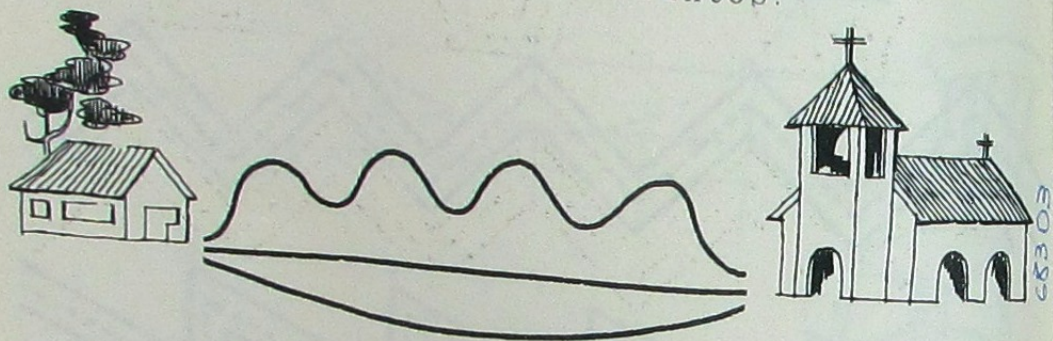
f. Cobrir linhas ponteadas formando uma figura ou um desenho de acordo com uma instrução dada:

Exemplo:

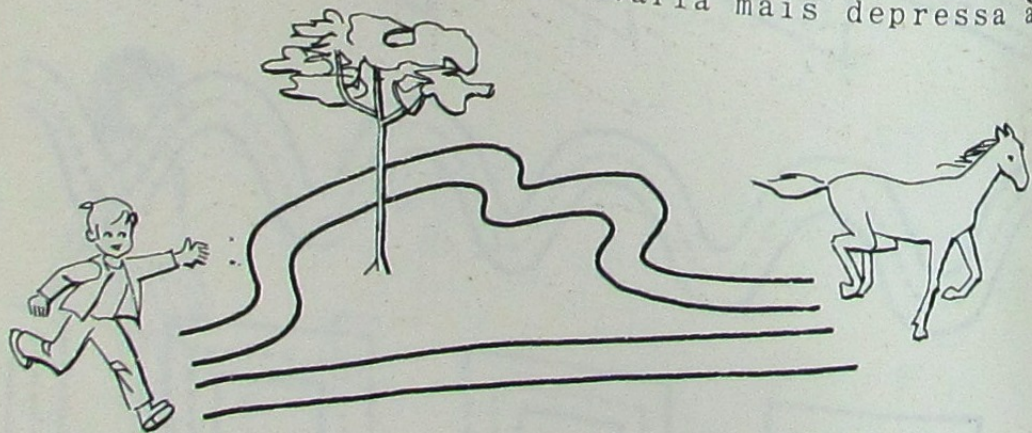
O jardim da casa de Ricardo tem canteirinhos de várias formas. Vamos contornar os canteirinhos?



g. Exercícios em forma de labirintos:

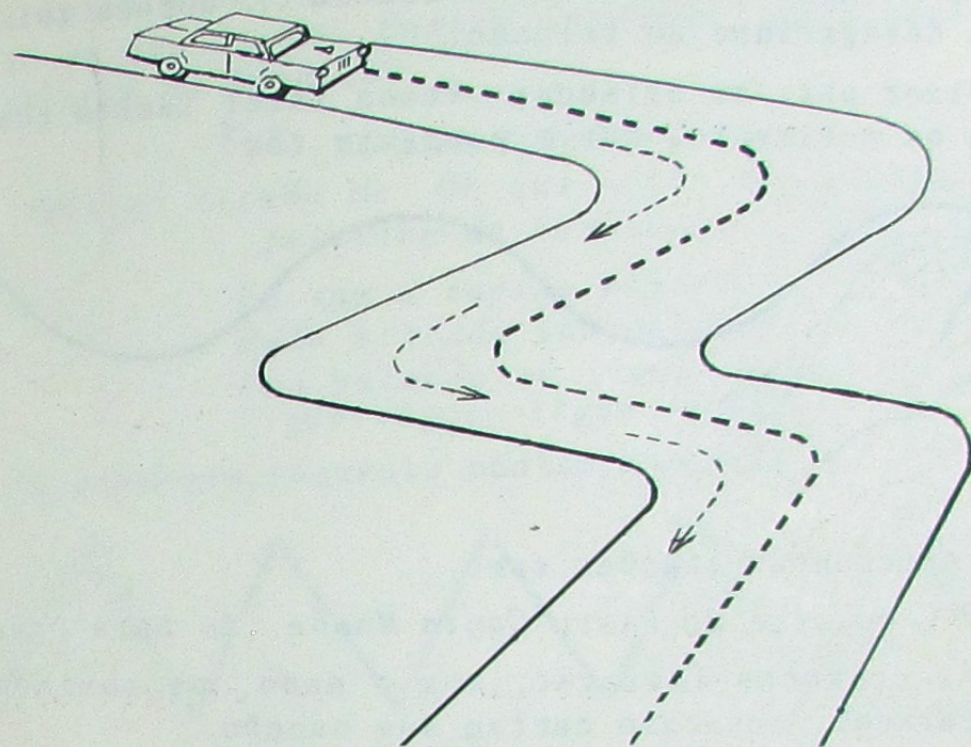


Qual desses caminhos nos levaria mais depressa à igreja?



O cavaleiro de Luís fugiu. Vamos mostrar a Luís qual o caminho mais curto para encontrar seu cavaleiro?

h. Exercícios de direção, como, por exemplo:



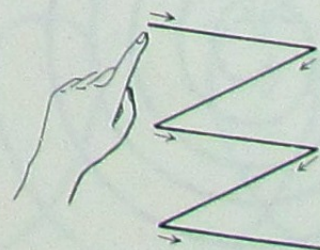
Joãozinho estava passeando de carro: primeiro ele foi para a, depois para a e finalmente para a As crianças dirão: *direita ou esquerda*.

i. Fazer exercícios ritmados ou desenhos, cantando ou contando algo.

Exemplos:

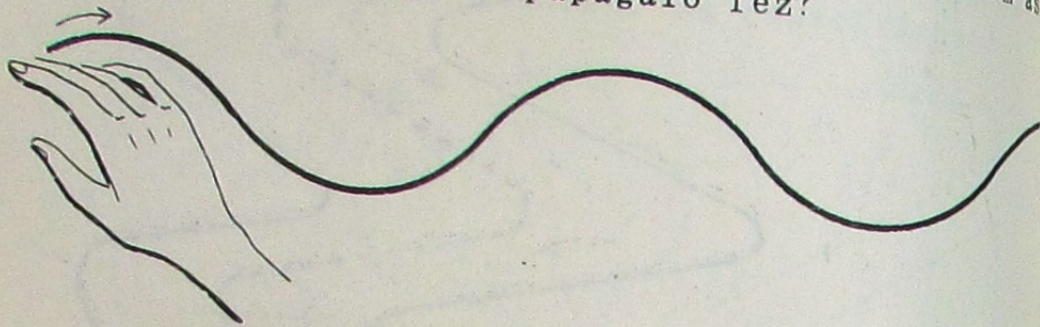
1. O relógio do castelo fazia assim: tic, tac, tic, tac...

As crianças imitarão o relógio, fazendo movimentos para a direita e para a esquerda.



2. O papagaio de Juca, antes de cair no telhado, subia..., descia..., subia..., descia..., depois foi caindo devagarinho no telhado.

Dizer para as crianças: Vamos fazer também com as mãos os movimentos que o papagaio fêz?



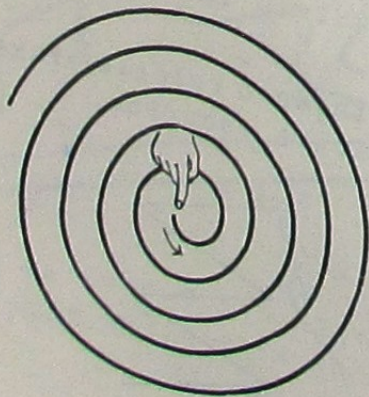
3. Apresentar canções como:

O Caracol - do Livro *Canta Mamãe*, de Sara Dawsen. As crianças imitarão, com o dedo, os movimentos do caracol, enquanto cantam sua canção.

O CARACOL

De mãos dadas vem brincar
O caracol já vai entrar
Vai entrando, vai entrando,
Enrolando, enrolando...
A casinha pr'a êle dá,
Escondido bem está

Partindo de um determinado ponto, as crianças farão movimentos circulares como o caracol:



Apresentamos, a seguir, outros tipos de canções para êsses exercícios, sugeridos por Hilda S.S. Fonseca, em seu livro: *Ensine Cantando*, publicação da Secretaria da Educação.

COELHO ESPERTO

(Música tirada de: *Oh que noite tão bonita: folclore de Bocaiúva*)

Eu sou o coelho esperto
Pela estrada vou pulando
Vou pulando em zigue-zague,
Zigue-zague, zigue-zague.

As crianças, enquanto cantam, rabiscam no caderno:

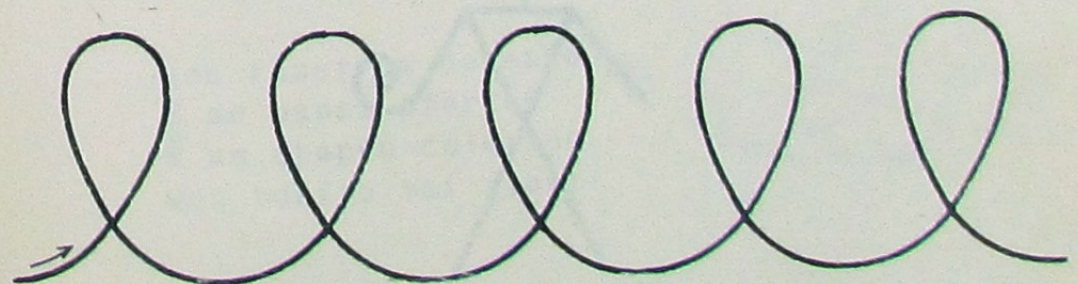


MEU GATINHO

Meu gatinho noite e dia
Brinca, brinca, sem parar
O novêlo da titia
Sabe bem desenrolar.

Meu gatinho é bem peralta
É pretinho de encantar
Meu gatinho é bem guloso
Um ratinho vai pegar.

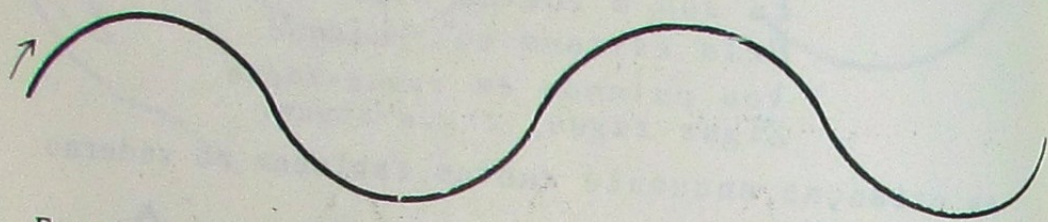
Enquanto as crianças cantam, vão seguindo o que diz a letra, isto é, vão desenrolando o novêlo do gatinho.



O GATINHO

O gatinho vai
Pisando de mansinho
Vai andando assim,
Assim, em busca de um ratinho

As crianças acompanharão a melodia, riscando de leve:



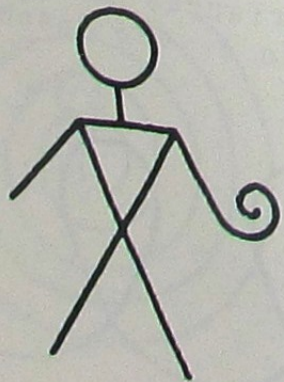
Enquanto cantam:

BONEQUINHO

(letra e música de Maria S. Serra Sanini)

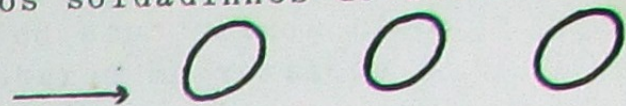
Bonequinho, bonequinho,
Que é um grande espertalhão,
Foi você, meu bonequinho
Que roubou o meu cordão!
Olhe que atrás já vai
Um valente batalhão bis
Tão, tão, tão, tão
Tão, tão, tão, tão!

Primeiramente as crianças desenharam o bonequinho:

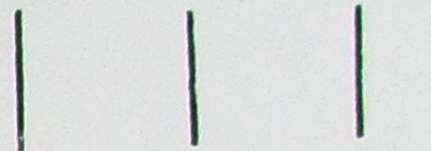


Em seguida desenharam os soldadinhos do batalhão:

As cabecinhas



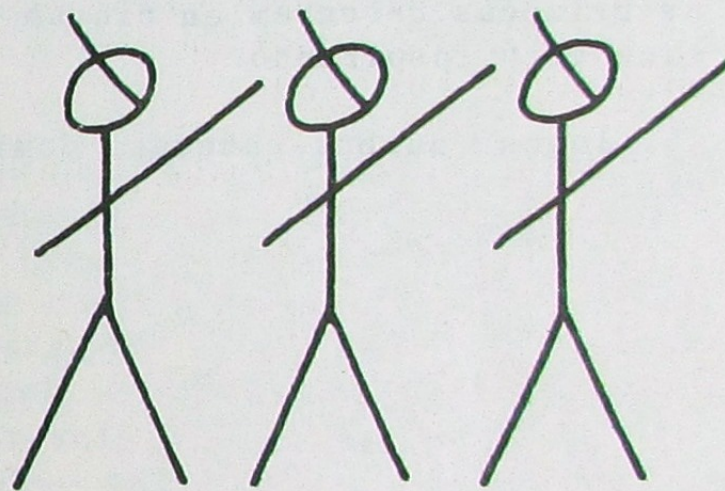
Os corpos dos soldadinhos



As perninhas



Depois colocarão os chapéuzinhos e as espingardas:



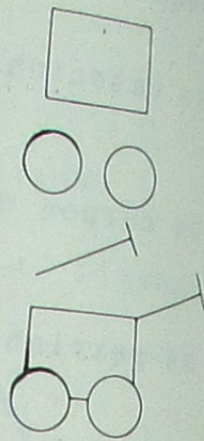
4. Apresentar quadrinhas para que as crianças recitem, várias vezes; depois farão os desenhos.

Exemplos:

Vou fazer um desenho
E ao papai ofertar
É um chapéu colorido
Que bonito vai ficar!



Desenhando um quadradinho,
Logo abaixo duas bolinhas,
É só fazer um puxador,
Que aparece um carrinho!



5. Pintura ou desenhos ao ritmo de músicas:
Enquanto ouvem, com bastante atenção, uma música,
as crianças desenham ou pintam o que acham que a música está inspirando.
6. Jogos: quebra-cabeças, dominó, jogos de encaixe etc.

O TRABALHO CRIADOR NO JARDIM DA INFÂNCIA

Reservamos para um capítulo especial o ponto que julgamos básico em educação. Referimo-nos à educação através da arte que, infelizmente e apesar de esforços isolados de um ou outro pioneiro, continua ainda ausente nas escolas oficiais brasileiras. Isto significa o domínio daquela tendência muito latino-americana de estabelecer para a educação uma concepção relativamente restrita. Tal concepção se baseia na aquisição de *conhecimentos positivos* em prejuízo do desenvolvimento harmonioso e integral da personalidade. Daí resulta, inevitavelmente, um tipo de educação fundamentado nos exercícios de repetição e de memorização, e, muito pouco, no valor de um pensamento original ou na formação de um juízo.

No Jardim da Infância, as conseqüências de uma tal orientação são desastrosas, especialmente se levarmos em conta a idade das crianças e a sua grande necessidade de expressão e de aquisição de experiências.

Chega a ser revoltante a série de atentados que a maioria das escolas comete, inconscientemente,

contra a imaginação e o espírito inventivo e criador das nossas crianças.

Ainda é quase regra geral ignorar-se, entre nós, as possibilidades latentes dos alunos e impor-se-lhes modelos e expressões estereotipadas cujo único valor consiste em impedir os vôos do pensamento criador.

Muitas professoras, cheias de boa vontade e animadas de grande desejo de ensinar, chegam-se a nós com expressões tais como:

...Preciso ensinar-lhes como se faz uma casa, ou uma flor... Do contrário êles farão tudo errado...

...se não lhes apresentar o modelo no quadro ou desenhado no papel, nada farão...

...meus alunos fazem árvore preta, roxa ou vermelha... não posso admitir um engano tão grande no uso das cores...

...não consinto que os próprios meninos recortem os papéis... Eu mesma faço os recortes de acordo com meus modelos; as crianças fazem, apenas, a colagem nos lugares onde lhes determino que o façam...

...para facilitar meu trabalho, apresento aos alunos as folhas com os contornos mimeografados; êles têm de colori-los, obedecendo rigorosamente os traços dos modelos...

...se eu não ajudar aos pequenos, fazendo para êles as partes mais difíceis, nada conseguiremos. Êles só fazem casinha e sol.

Estas e outras expressões dêsse tipo dão-nos a idéia exata de quanto estamos, ainda, longe daquele ideal de educação através da arte, em que o objetivo principal seja o trabalho inventivo e criador nas escolas.

Deixem que as crianças se expandam e se expressem livremente.

Por favor, sigam aquêles belo conselho de Robert Browning
...Allows the imprisoned glory to scape, são dísticos e conselhos que não nos cansamos de repetir às nossas professoras.

Insistimos demais com elas: tudo o de que precisamos as crianças é que se lhes dê riqueza de material (tintas de várias cores e qualidades, pincéis, papéis bem grandes de várias cores e consistências e, até mesmo, folhas de jornais velhos) e ainda: espaço, tranqüilidade e liberdade. E elas tirarão de dentro de si mesmas e transmitirão para o papel a gama multiforme e colorida de seus sentimentos, aspirações e desejos...

A cor, a forma, a distância, tudo depende das emoções e das impressões a serem libertadas do íntimo daquelas personalidades em formação.

Insistimos tanto neste ponto porque êle é um dos mais importantes na educação dos pequeninos.

É claro que a professora ensinará algumas técnicas de arte ou vários tipos de desenho, pintura, modelagem, confecção de fantoches, recortes e colagem... O essencial, porém, fica a cargo das próprias crianças; elas devem ter absoluta liberdade de escolher tinta, lápis, papel, argila ou cola e, principalmente, de concretizar as suas próprias idéias, sem nenhuma coerção ou imposição da parte da professora.

Não convém laborar no erro oposto, que é o de se supor que no Jardim de Infância a criança é deixada inteiramente à vontade, sem orientação e supervisão, na mais completa desordem e como direito de adquirir tôda a espécie de maus hábitos, em nome da liberdade de expressão.

Não é, absolutamente, nada disto que desejamos obter. Muito ao contrário, a liberdade de criar e o trabalho inventivo das crianças dependem de uma atuação muito sábia e eficiente da parte da professora. Ela deve ter em mente o fato importante de que o in-

divíduo só pode expressar e concretizar aquilo que tenha dentro de si, e dentro de si êle só pode ter as impressões, as experiências e os dados que lhe tenham vindo do mundo exterior. É inteiramente conhecido, de todos, o milenar conceito de Aristóteles, tomado, mais tarde, por Bacon: *Nada há na inteligência que não tenha passado, antes, pelos sentidos.*

As crianças só poderão passar para o papel ou expressar, concretamente, aquilo que tenham dentro de si, isto é, suas experiências, vividas e ampliadas, não só na escola como no lar e na vizinhança de sua casa.

Quanto mais a professora enriquecer as experiências das crianças, através das atividades manuais (pintura, desenho, modelagem, recorte, colagem, construção etc.), das atividades artísticas (música, canto, dança, movimentos rítmicos etc.), das demais atividades de expressões (rimas, poesias, histórias, brinquedos, dramatizações, fantoches, marionetes etc.), mais ampliará a capacidade criadora delas, permitindo-lhes a livre exteriorização de sentimentos e idéias. As professoras chegam mesmo a ficar impressionadas com as possibilidades das crianças quando são estimuladas a libertar sua imaginação. Chegam a descrever de seus próprios olhos, que presenciam verdadeiros milagres da capacidade criadora das crianças.

Temos insistido demais e o fazemos, agora, nesta tentativa de programa, para que as professoras de Jardim dêem a maior ênfase possível ao trabalho artístico e criador. Fazendo-o, estarão modificando, radicalmente, as normas e padrões de educação dos pequeninos e contribuindo para a escola brasileira realizar uma verdadeira revolução pedagógica. Estarão rompendo com uma forte tradição e dando à criança capacidade de usar seu poder criador como meio de formar e enriquecer a sua personalidade.

O MÉTODO DAS UNIDADES DE TRABALHO

(ORIENTAÇÃO PARA A PROFESSORA)

Conforme dissemos anteriormente, não é possível tratar, no Jardim da Infância, de assuntos isolados e distribuídos artificialmente em *matérias*, no estilo clássico da escola comum.

Ao contrário, sugerimos atividades integralizadas ou centralizadas em torno das *unidades de trabalho*, um dos métodos de ensino mais apropriados ao desenvolvimento dos Estudos Sociais e das Ciências Naturais, pois favorece a globalização do ensino e atende aos demais princípios da psicologia da criança.

A fim de permitir às professoras melhor conhecimento deste método, resolvemos fazer, aqui, a adaptação de um artigo sobre *as unidades de trabalho*, da autoria da professora Terezinha Nardelli, especializada em 5º ano primário e técnica do PABAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar).

Nesse artigo a professora Nardelli dá uma orientação muito clara e simples sobre o assunto e nos permite apreender, rapidamente, as etapas essenciais de uma unidade.

Insistimos em fazer uma adaptação do estudo em questão, visto ter sido o mesmo escrito para classes mais adiantadas. Seu artigo se intitula: *Orientação para uma unidade de trabalho sôbre a comunidade.*

Diz a professora inicialmente: *A unidade de trabalho é uma forma de aprendizagem pela qual um problema de real significação ou uma grande área de conhecimento útil e valioso é estudado, através de uma série de experiências relacionadas entre si.*

Para sua realização o professor deve, primeiramente, avaliar a importância do assunto que pretende escolher, não só sob o ponto de vista social e educativo mas também encarando o interesse e necessidade do grupo a que vai ser ministrado. Deve também pesar as facilidades que irá encontrar na sua realização.

Após haver surgido o assunto será feito um plano geral para o que o professor deverá fazer cuidadosa pesquisa bibliográfica, quando irá selecionar os livros que lhe servirão de consulta e aqueles que serão usados pelos alunos.

Neste plano geral o professor deverá prever:

- a. Os conhecimentos mais importantes que serão adquiridos;
- b. os conceitos e conclusões a que chegarão;
- c. as atitudes a serem formadas ou ampliadas;
- d. as habilidades que poderão ser desenvolvidas;
- e. como poderá iniciar o trabalho;
- f. as experiências que poderão ser desenvolvidas;
- g. como serão efetuadas a conclusão e avaliação do trabalho;

Ao efetuar este plano de trabalho, o professor lembrar-se-á de que:

deve dar oportunidade às diferenças individuais; deve planejar uma grande variedade de experiências para que possa selecionar as que se mostram mais apropriadas à situação;

deve dar grande oportunidade de planejamento pelos alunos;

deve variar as técnicas e processo.

Aqui estão algumas das técnicas de trabalho que o professor poderá seguir:

- a. trabalhos individuais
- b. trabalho cooperativo

Experiências reais, conhecimentos e comparação de experiências feitas anteriormente:

- c. planejamentos individuais e cooperativos
- d. discussões
- e. relatórios orais de experiências e de resultados de pesquisas
- f. avaliações individuais e coletivas (de comportamento, de atitudes, de conhecimentos etc.)
- g. atividades recreativas
- h. atividades manuais e criadoras (artísticas)
- i. uso de recursos da comunidade e de auxílios áudio-visuais.

Esquema para este planejamento.

Parte da professora:

1. escolha do assunto; justificativa
2. definição de objetivos
3. iniciação

Parte da professora e dos alunos:

4. Levantamento de problemas - planejamento para solução dos mesmos
5. conteúdo
6. experiências
7. atividade culminante
8. avaliação.

JUSTIFICATIVA

Como se justifica o estudo do tema para o grupo que vai ser aplicado?

Para saber se o assunto escolhido está de acordo com o nível dos alunos, se é de real interesse e importância, se dá oportunidade às capacidades individuais e se se mostra praticável (qualidades indispensáveis ao bom desenvolvimento do trabalho), o professor poderá tomar como base os seguintes itens:

- quais as necessidades e interesses reais que este estudo pode satisfazer em indivíduos desta idade?
- que contacto têm tido os alunos com esta área de experiências?
- emerge de uma situação relacionada com sua vida real?
- que novos interesses podem ser desenvolvidos através destes estudos?
- a área de estudos em questão é apropriada ao nível de desenvolvimento desta classe de meninos?
- é uma escolha prática sob o ponto de vista de sua realização?

Exemplos:

- Há facilidade de obter experiências diretas por quanto o estudo da comunidade se identifica inteiramente com a vida da criança;
- a criança sente a necessidade de conhecer o ambiente que a cerca, a fim de melhor reagir às solicitações que lhe são apresentadas por ele etc...

OBJETIVOS

- Quais os conceitos, conhecimentos e compreensões que advirão deste estudo?

Aqui serão especificadas todas as aquisições da criança neste setor: as conclusões, os conceitos básicos que a professora antevê poderão ser tirados pelos alunos através das experiências e dos fatos que vão conhecer.

Exemplos:

- é agradável a boa convivência com os vizinhos;
- os membros da comunidade prestam relevantes serviços uns aos outros;
- todas as profissões devem ser valorizadas;
- há necessidade de cooperação de todos, para o bem da comunidade;
- para o bem de todos, as leis e regras de segurança devem ser obedecidas;
- a igreja é muito importante, na comunidade;
- podemos nos divertir em nossos bairros.

2. Quais as atitudes desejáveis que se procurará promover ou ampliar?

Exemplos:

- responsabilidade pelo cumprimento de suas tarefas como membro ativo da comunidade;
- respeito e interesse pela conservação da propriedade pública;
- respeito às autoridades governamentais;
- apreciação e respeito por todas as profissões úteis à comunidade;
- interesse em cooperar na resolução dos problemas da comunidade.

3. Quais as habilidades que poderão ser desenvolvidas durante a realização do trabalho?

- tratar, com gentileza, as pessoas que prestam serviços à comunidade;
- comportar-se bem na igreja, nas filas, nas ruas.

nos cinemas, nas conduções;

3. observar as regras de cortesia e cooperação;
4. obedecer a regras de segurança em casa na rua na escola;
5. esperar, cada um, a sua vez de falar e de usar material;
6. partilhar os próprios pertences e ajudar os colegas;
7. usar, de maneira apropriada, o material e dados recolhidos durante as entrevistas e excursões.

INICIAÇÃO

A finalidade da iniciação ou introdução ao estudo é a de despertar um interesse vivo. Ao professor compete criar um ambiente apropriado na sala de aula. Deve fazê-la atrativa e de maneira que desperte a curiosidade dos alunos.

Aqui estão alguns exemplos de atividades que podem servir de motivação para este estudo:

- a. arranjo da sala com cartazes, arranjo do quadro de avisos ou uma exposição (mostrando trabalhos efetuados por membros da comunidade, produtos do lugar, algum local pitoresco, ou flagrantes de alguma festa importante para a cidade). Perguntas sugestivas serão apresentadas juntamente com estas ilustrações para conduzir o estudo e dar-lhe significado;
- b. uma excursão, onde o aluno poderá entrar em contacto mais direto com seu campo de estudo, tendo oportunidade de observar, indagar e conversar (trabalhos essenciais à vida na comunidade, setores em que a cidade se acha atraente e bem conservada, pontos em que isto se verificar etc...);
- c. vinda de um membro da comunidade para ser entrevistado pela classe.

Despertando o interesse será fácil ao professor iniciar uma conversa e discussão sobre o assunto, momento em que as dúvidas dos alunos aparecerão.

Tais questões não serão respondidas pelo professor, mas, sim, registradas no quadro-negro à medida que forem enunciadas.

Professor e alunos organizam, então, as questões e problemas para o desenvolvimento do estudo, colocando-as em ordem e agrupadas de acordo com o assunto, feito o que passarão ao planejamento de como irão respondê-las.

CONTEÚDO

Também deverá ser previsto. Somente sabendo de antemão os acontecimentos que se fazem necessários, o professor poderá ajudar os alunos na escolha das atividades mais proveitosas.

Além disso, conteúdo e experiências devem constituir um todo que possibilite a realização dos objetivos assinalados.

Pontos a considerar:

- a. como são resolvidos os problemas fundamentais em nossa localidade?
- b. tipos de ocupação, divertimentos, transportes e comunicações;
- c. como são utilizados e conservados os recursos naturais?
- d. independência dos membros de uma comunidade; segurança e proteção etc...

EXPERIÊNCIA

As experiências e atividades que os alunos forem realizar, deverão ser variadas e significativas.

Devem incluir:

a. planejamento (essencial ao sucesso de qualquer atividade):

1. individual;
2. cooperativo;

(feito em conjunto pelos alunos e professora)

b. utilização dos recursos da comunidade:

1. excursões;
2. entrevistas;
3. visitas;
4. meios de comunicação;

c. uso de auxílio áudio-visual: filmes, discos, gravuras;

d. construção de aparelhos, confecção de cartazes, preparo de outros materiais;

e. discussão de informações e outras experiências;

f. atividades específicas;

g. atividades relacionadas com outras áreas de estudo (aritmética e língua pátria, ciências, artes etc.);

h. atividade culminante.

A atividade culminante servirá como conclusão do trabalho, onde os alunos resumem seu estudo ao mesmo tempo que compartilham suas experiências e conhecimentos com os outros.

Exemplos:

Uma exposição, uma festa, uma hora social etc.

Assim como as outras atividades, deve também ser precedida de um planejamento cooperativo.

AVALIAÇÃO

Deve ser minuciosa e dar oportunidade ao exame de todos os setores de trabalho, isto é, alunos e pro-

fessor vão avaliar não somente o conhecimento adquirido, mas todas as fases de aprendizagem, habilidades desenvolvidas, atitudes satisfatórias etc...

Muitas das avaliações são feitas no decorrer da unidade, à medida que são efetuadas as experiências.

Esta parte deve constar de:

1. auto-avaliação pelos alunos:

Exemplos:

Avaliação individual: Responder (oralmente) a uma lista de itens sobre a execução de determinado trabalho:

- a. executei as tarefas das quais fui encarregado?
- b. executei-as da melhor forma que podia?
- c. o trabalho serviu à sua finalidade? etc...

2. Avaliação de trabalho cooperativo, feita pelos alunos e professor conjuntamente, dos trabalhos em grupo.

Exemplos:

Avaliação de uma entrevista:

- a. verificamos com antecedência quais os pontos que poderíamos saber através desta visita?
- b. agradecemos convenientemente sua colaboração? etc...

3. Avaliação feita pela professora:

- a. observação de acidentes e fatos;
- b. uso de fichas de avaliação.